



## Horizonte, v. 16, n. 51, set./dez. 2018

Dossiê: Teorias de Linguagem e Estudos de Religião

Dossier: Theories of Language and Religious Studies

Antonio Geraldo Cantarela\*

Os debates sobre linguagem não são recentes, no âmbito da história da Filosofia. Do *Crátilo* de Platão, passando pelo *De magistro* de Agostinho, até *Verdade e Método* de Gadamer, as interrogações sobre linguagem se fizeram presentes, ainda que em medida variável. Em estreita correlação com o fantástico desenvolvimento dos *mass media*, o século XX deu especial atenção à linguagem.

Ao longo do tempo, as abordagens do tema entrelaçaram dois aspectos básicos: um, preocupou-se com a linguagem enquanto mediação da função comunicativa; outro, a pensou como constitutivo fundante do humano, diferenciando-nos das outras espécies. Enquanto ser de linguagem e mediado por seus diversos modos de constituição, o ser humano mostra-se capaz de construir memória – isto é, revisitar seu passado com o olhar de hoje – e tecer projetos – isto é, antecipar pela imaginação o tempo futuro. No bojo do debate, colocam-se também aquelas questões que dizem respeito à relação entre linguagem e religião. É o assunto de nosso dossiê.

Destacamos que a publicação deste dossiê se deve, em grande medida, à contribuição e parceria com o Prof. Paulo Augusto de Souza Nogueira. Além de grande especialista nas questões relativas à linguagem da religião – brindou-nos com um singular artigo – Paulo Nogueira convidou outros pesquisadores do tema, o que enriqueceu sobremaneira o debate aqui apresentado. Em nome da equipe editorial de Horizonte, expresse aqui nossos agradecimentos.

---

\* Doutor e mestre em Letras (PUC Minas). Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC Minas. País de origem: Brasil. E-mail: agcantarela@yahoo.com.br

O **Editorial**, assinado pelo Prof. Etienne Higuët – grande conhecedor da teologia da cultura de Paul Tillich e da hermenêutica de Ricoeur – afirma, já de início, que “a religião se estrutura por meio da linguagem”, “é essencialmente linguagem”. Sobre essa base, Higuët tece um panorama que percorre desde as teorias mais tradicionais da linguagem – como a gramática, a retórica e a poética – até as teorias mais recentes, da semiótica e da hermenêutica. Destaca, em relação à semiótica, a compreensão da religião como “texto” que se constitui de signos. Em relação à perspectiva hermenêutica, as tessituras da religião se interpretam como “sentido por e para um sujeito ou uma consciência”.

O primeiro artigo do **Dossiê**, de autoria de Paulo Augusto de Souza Nogueira, intitula-se *Modo onírico de narração e de articulação de imagem*. Sustentado na teoria do sonho, de Hartmann, e na teoria do grotesco, o autor aborda a questão dos textos religiosos densos e complexos. Estes se caracterizam por uma expressão textual e imagética marcada por deslocamentos, disparidades e contradições. Trata-se de uma forma de linguagem religiosa particularmente presente entre místicos e artistas; e também na religiosidade popular.

No segundo artigo do dossiê, Antonio Carlos de Melo Magalhães fala da *Contribuição da teoria de Bakhtin ao estudo das linguagens da religião*. Recorre aos conceitos bakhtinianos de dialogismo, polifonia e não finalizabilidade para propor uma leitura das linguagens da religião “que destacam o caos-mundo como lugar das experiências religiosas, caracterizadas pela inventividade e pela eventividade”, em seus “processos, devires e bricolagens”.

O terceiro texto, assinado por Cesar Octavio Carbullanca Nuñez, traz no título uma citação do apocalipse apócrifo 4Esdras: *O mundo retornará a seu primeiro silêncio*. O autor debate as relações entre texto, enquanto materialidade discursiva, e imaginário social. Discute, particularmente, a construção social do silêncio como experiência comunicativa e experiência mística – silêncio como “código semiótico” que está na origem de crenças e instituições religiosas.

Sueli Maria Ramos da Silva oferece um texto, de natureza teórica, em que situa *A semiótica greimasiana no quadro epistemológico das teorias da linguagem e dos estudos da religião*. A autora faz breve estudo histórico da questão e traça “algumas considerações acerca de como se processa o projeto da semiótica no que concerne ao tratamento de enunciados das linguagens da religião”.

No artigo *Teorias da linguagem e estudos do discurso*, Kenner Roger Cazotto Terra oferece apontamentos metodológicos para uma análise do discurso religioso. Acessadas com ferramentas adequadas, as linguagens da religião podem ser compreendidas como “locus de sentido”, podem ser lidas como “sistema complexo de narrativas, símbolos, ritos, artes e performances aptas para a criação e compreensão do mundo”.

O sexto artigo do dossiê, assinado por Abdruschin Schaeffer Rocha e Alessandro Rodrigues Rocha, aborda *O pensamento ficcional e seus desdobramentos na formulação dos discursos teológicos*. Com aportes teóricos da estética da recepção (Wolfgang Iser) e do pensamento teológico de Joseph Moingt e George Lindbeck, os articulistas discutem “a linguagem e o lugar que esta ocupa na formulação e comunicação de conteúdos teológicos”.

O artigo de José Adriano Filho fala de algumas correlações históricas entre *A linguagem alegórica e a poesia épica cristã*. Sob influência do cristianismo, a alegoria se difundiu na épica. Com base nessas informações, o artigo “apresenta a obra *Psicomaquia*, de Prudentius (348-405 e. C.), um poema épico alegórico cristão que descreve uma série de batalhas entre virtudes e vícios em torno do domínio da alma humana”.

Dilip Loundo assina *The meaningfulness of “the meaninglessness of ritual”: [an advaita Vedānta perspective on] Vedic ritual (yajña) as narrative of renunciation (tyāga)*. O autor discute “as características específicas, as modalidades e as facetas cognitivas” da ação/linguagem que constitui a renúncia –

“a dimensão fundamental das tradições védicas indianas e a principal característica do que poderia ser denominado de horizonte religioso ou espiritual, em contraste com um horizonte mundano”.

O artigo de Dario Paulo Barrera Rivera fala de *Linguagem, memória e religião no pensamento de Maurice Halbwachs* – sociólogo francês (1877-1945) da escola durkheimiana. O artigo apresenta “a forma como Halbwachs entendia a relação entre linguagem e memória”, particularmente entre a memória social e a memória religiosa. O texto destaca “as características da memória coletiva religiosa”.

Por fim, nosso dossiê traz um artigo sobre *A poética e a linguagem religiosa em Paul Ricoeur*, assinado por Iveraldo Oliveira Santos e Márcio Lima Pacheco. A partir de algumas obras seletas de Ricoeur, os autores destacam alguns traços da especificidade da linguagem religiosa, particularmente capaz de acolher, pela metáfora e pelo símbolo, a revelação do divino como experiência de redescritção do mundo.

A seção de **Temática Livre** oferece 6 artigos com temáticas diversas. O primeiro artigo, de Luis Carlos Dalla Rosa, *Passos levinasianos rumo à evasão da teologia ocidental*, “abre espaço para discutir a relação entre teologia e ontologia, a partir da ética da alteridade de Emmanuel Lévinas”. Nele, analisa e compreende “o movimento de êxodo ou de evasão ética em relação à força ontológica, ao peso do ser, que impacta também à teologia”, além de “refletir sobre algumas possíveis repercussões teológicas que emergem da epifania do rosto do/a Outro/a”.

Em seguida, temos o artigo de Richard Gonçalves André, *O dharma na impermanência da web: difusão e transformações do zen-budismo na internet (2015-2017)*. Nele se analisa “a difusão do Zen Budismo no Youtube no período de 2015 a 2017, utilizando como fontes primárias os vídeos da Monja Coen”, tanto em seus conteúdos como em sua composição audiovisual. Apoiado nos “conceitos de representação e apropriação propostos, respectivamente, por Roger Chartier e

Michel de Certeau”, o artigo compreende que “a divulgação do Zen na Web tem permitido que a religião consiga transcender as fronteiras étnicas, seja com a divulgação das ideias e práticas em português, seja com o diálogo com questões da sociedade atual.”

O terceiro artigo da seção de **Temática Livre** nos é oferecido por Cleusa Caldeira: *Desconstrução do cristianismo: imperativo ontológico à experiência de Deus na pós-modernidade*. A autora propõe perscrutar “a maneira como a razão secular contribuiu para pensar a experiência de Deus no contexto pós-cristão e pós-metafísico” a partir das principais contribuições do “‘nihilismo místico’ à possível experiência religiosa no marco de novas condições culturais”. Com aportes teóricos baseados no teólogo mexicano Carlos Mendoza Álvarez, discute a desconstrução e o cristianismo declosionado, apontando “a fé niilista como uma potência da subjetividade, como o estágio que representa a passagem do mundo da crença para o mundo iconoclasta e apofático, isto é, o mundo da fé sem a idolatria do sujeito”.

Em *A assistência às crianças na viagem para o além, na Braga setecentista*, o próximo artigo é de Norberto Tiago Gonçalves Ferraz. Nele o autor fornece “novos dados historiográficos sobre a assistência concedida às crianças da cidade de Braga, na ocasião do seu falecimento, no século XVIII”, revelando a preocupação com “a salvação das almas dos filhos falecidos com mais de sete anos de idade”.

O artigo de Paulo Antônio Couto Faria, *Ciências da religião e teologia: evolução de uma relação*, é o quinto de nossa seção de **Temática Livre**. Discutindo na história a relação entre ciências da religião e teologia, o autor afirma que o encontro entre estas duas ciências, no Brasil, foi “motivado pela natural proximidade de questões, pelo contexto sócio eclesial e, mais recentemente, por razões de ordem epistemológicas”. O “artigo aponta momentos importantes da edificação da relação entre as ciências da religião e a teologia; os conflitos,

resolvidos e os que ainda permanecem; alguns desafios e tarefas comuns que visam aprofundar e tornar mais fecunda a relação construída”.

Por fim, Mário Guimarães Werneck Filho, com *Profetas e santos no Masnavi de Rumi*, discute a importância dos profetas e dos santos nesta obra do poeta e místico da tradição islâmica sufi, Rumi, “nascido em Vakhsh, nas cercanias de Balkh, atual Afeganistão, em 1207”. Para este místico, “os profetas e santos são instrumentos de comunicação entre Deus e suas criaturas”, propiciando uma atualização da mensagem divina. Conclui afirmando que “Rumi concita cada discípulo e crente a escutar a mensagem dos profetas e a visitar os santos a fim de atualizar os segredos teofânicos de Deus”.

A seção de **Comunicações** oferece, no primeiro texto, de autoria de Ênio José da Costa Brito, uma apresentação comentada de 16 verbetes do *Dicionário da Escravidão e Liberdade*, organizado por Lilia Schwarcz e Flávio Gomes.

A segunda comunicação, de autoria de Kátia Marly Leite Mendonça, destaca *A presença dos ícones no cinema de Andrei Tarkovski*. Trata-se de comunicação apresentada em evento organizado pela Pontifícia Universidade de Cracóvia (Polônia), abordando interfaces entre ética/religião e arte/imagem.

A terceira comunicação, assinada por Renan Santos Mattos, apresenta resultados de pesquisa documental sobre Espiritismo, em Santa Maria, RS, tendo como centro de atenção a pessoa e escritos de Fernando do Ó.

Este número de Horizonte traz, como de outras vezes, resumos de dissertações e teses defendidas em diferentes Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião e áreas afins. E também algumas resenhas de livros relacionados à área.

Desejamos a todos boa leitura e agradecemos por divulgar os textos publicados por Horizonte.